

Editorial PPP 16(2)

Psicossociologia desde a América Latina

Beatriz Akemi Takeiti¹
 Samira Lima da Costa²
 Catalina Revollo Pardo³
 Claudia Tovar Guerra⁴
 Claudia Miranda⁵

Em 2019, por meio dos grupos de pesquisa “Laboratório de Memórias e Ocupações: rastros sensíveis” e “Diaspotics”, ambos do Programa EICOS de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Instituto de Psicologia – UFRJ, Brasil), juntamente com o Programa de Doctorado en Ciencias Sociales y Humanas (Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, Colômbia), organizamos o Dossiê “Psicologia e epistemologias contra-hegemônicas”, na Revista Fractal, Universidade Federal Fluminense (UFF), no Brasil. Tínhamos o objetivo de reunir produções acerca das muitas psicologias que se vinham construindo no campo do enfrentamento às hegemonias epistêmicas, fomentando assim uma rede de colaboração e visibilização destas muitas

psicologias geopoliticamente posicionadas.

Naquele momento, as contribuições que recebemos foram muitas, e identificamos a necessidade de discutir mais detalhadamente o campo não só da psicologia, mas da psicossociologia, este lugar do *entre*, como campo de proposição, produção e sistematização de conhecimento, mas também enquanto lugar de resistência de epistemologias plurais. Desta compreensão surgiu o presente dossiê, organizado pelos mesmos grupos de pesquisa do Programa EICOS (UFRJ), agora unidos ao Grupo Lazos Sociales y Culturas de Paz (Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, Colômbia) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (UNIRIO).

As muitas marcas que os países

¹ Doutora em Psicologia Social pela Pontificia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, Professora do Programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS e do Departamento de Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, UFRJ.

E-mail: biatakeiti@medicina.ufrj.br

² Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social EICOS do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-doutorado em Antropologia Social, UnB, Professora do Programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS e do Departamento de Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, UFRJ. E-mail: biasamira@medicina.ufrj.br

³ Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social EICOS do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-doutoranda CAPES-PNPD do mesmo programa e Professora Substituta do Departamento de Psicologia FAFICH-UFMG. E-mail: carevollo@gmail.com

⁴ Doctora en Ciencias Sociales y Humanas, investigadora del Grupo Lazos Sociales y Culturas de paz y profesora de la Facultad de Psicología de la Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá. E-mail: claudia.tovar@javeriana.edu.co

⁵ Pós-doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social EICOS do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro(EICOS); Professora do Programa de Pós-graduação em Educação (UNIRIO). E-mail: mirandaunirio@gmail.com

latinoamericanos produziram mutuamente ao longo da história, também em contínuo risco de apagamento, recebem destaque no presente dossiê. Ainda que muitas escolas e muitas trajetórias da psicossociologia possam ser narradas, nos interessa aqui olhar com atenção e detalhamento aquilo que se vem produzindo nas últimas décadas, especificamente na América Latina, buscando nesta história recente, os rastros de um futuro possível. Neste sentido, este dossiê se situa radicalmente no lugar de busca e produção narrativa destas psicossociologias, geopoliticamente localizadas, aterradas em solo latinoamericano.

Com a experiência global da pandemia do COVID-19 e do isolamento físico (social), vivemos um momento que nos tem colocado diante de inúmeras perguntas e questionamentos, mas também de muitas possibilidades para o presente e para o futuro.

Agravando o desenho imposto pela situação da pandemia, vivemos no Brasil e em outros países da América Latina um difícil momento histórico e político para a ciência, no qual há o risco de retrocessos nos recentes avanços duramente conquistados no campo da produção de conhecimento em direção a um horizonte pluri-epistêmico. Este cenário de incertezas e mudanças nos convoca a pensar que mundo queremos, como o construiremos e que conhecimentos e epistemologias apoiam essa tomada de posição. E nesta mesma trilha, nos convida também a pensarmos que psicossociologia podemos produzir. Em perspectiva, é preciso ressituar as psicossociologias que se têm construído e produzido em territórios latinoamericanos, e a que se propõem.

A psicossociologia surge na Europa inspirada em estudos da psicologia social, com uma perspectiva psicanalítica e desenvolvimentista e, também influenciada pelos estudos sociológicos de dinâmicas grupais. Embora na América

Latina a psicossociologia tenha inicialmente seguido os rastros daquela de origem européia, destacadamente a francesa (e posteriormente também a estadunidense), há que se apontar a relevância da psicologia social crítica neste contexto que floresce com a crise da psicologia social e a Reforma Psiquiátrica nos anos de 1960' e 1970', historicamente constituída na América Latina como Psicologia Sócio-Histórica, com Silvia Lane (PUC/SP), e como Psicologia Comunitária Latino-americana, tendo como referência Martín Baró e Maritza Monteiro. Este levante contou fortemente com o diálogo produzido por outros movimentos críticos da época, como a Pedagogia Crítica de Paulo Freire e a Pesquisa Ação-Participante de Orlando Fals Borda, delineando nitidamente a psicossociologia como um campo interdisciplinar de conhecimento.

Nas últimas décadas, a psicossociologia vem se constituindo e se consolidando a partir de produções próprias, enquanto campo de conhecimento inter e transdisciplinar dentro da grande área das Ciências Sociais e Humanas, voltado para a composição de saberes e tecnologias que venham ao encontro dos problemas contextualizados e localizados na experiência dos países latinoamericanos, tanto em sua diversidade cultural e geopolítica, quanto em suas confluências enquanto povos colonizados. Neste sentido, também assume o estudo das relações coloniais desde uma perspectiva contra hegemônica. Interrogar a psicossociologia nos exige movimentações contra hegemônicas.

Assim, os artigos aqui apresentados reúnem propostas ancoradas em idiosincrasias da experiência de estratos invisibilizados, em nossa região, o que favorece a localização de outras pistas sobre como renovarmos o compromisso com a diversidade latino-americana. Neste sentido, compõem este dossiê trabalhos que refletem sobre a psicossociologia

enquanto ciência e prática de intervenção em suas múltiplas possibilidades, pautados na experiência viva daquilo que se tem produzido hoje enquanto América Latina.

O artigo das autoras Ana Maria Jacó Vilela e Marcela Alves de Abreu intitulado “Dos primeiros passos da Psicossociologia no Brasil: o Setor de Psicologia Social da UFMG”, apresenta uma pesquisa histórica de análise documental e entrevistas sobre os processos do grupo do Setor de Psicologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais no período 1964-1994, tempos de repressão política que não silenciou o debate crítico e contribuiu para a institucionalização e fortalecimento da Psicologia Social Crítica no Brasil. A contribuição do artigo “Violência estrutural e marcas ditatoriais: análise psicossocial a partir de narrativas periféricas”, apresentado por Beatriz Oliveira Besen e Soraia Ansara analisa a permanência de marcas ditatoriais pós-transição democrática no Brasil a partir de narrativas de dois estudos psicossociais realizados em Heliópolis – periferia urbana da cidade São Paulo, trabalhando com os conceitos de violência, trauma psicossocial e memória histórica de Ignacio Martín-Baró.

Em “O resgate da memória histórica como estratégia de desconstrução do racismo”, Danielle Cabral Araújo, Vanessa Alice de Moura e Bruna Suruagy do Amaral Dantas problematizam a experiência profissional desenvolvida a partir de práticas grupais envolvendo crianças e, privilegiando o resgate da memória histórica da cultura negra. Em “Dormindo com a inimiga: imaginário machista em tempos de Covid-19”, as autoras, Débora Ortolan Fernandes de Oliveira, Tomiris Forner Barcelos, Cristiane Helena Dias Simões e Tânia Maria José Aiello-Vaisberg se ancoram nos desafios impostos pela Covid-19 e na Psicologia Psicanalítica Concreta para entender imaginários coletivos machistas

sobre relacionamentos conjugais heterossexuais de mulheres. Rodrigo Maciel Ramos apresenta uma pesquisa etnográfica intitulada “A ancestralidade: construção e aquisição de identidades africanas no Brasil realizadas a partir da cultura do Candomblé” que se constitui em um estudo de caso de dois adeptos do Candomblé, e localiza inadequações das teorias de identidade.

No artigo “Pichon-Rivière: uma “psicossociologia latino-americana” para os tempos de hoje” as autoras Marta Maria Okamoto, Emília Estivalet Broide e Maria Cristina Gonçalves Vicentin revisitam a proposta das Teorias e Técnicas Operativas de Grupo deste autor, reconhecendo sua emergência no contexto sociopolítico latinoamericano de violências políticas e autoritarismos e sua pertinência como práxis psicossociológica, com potência de intervenção nestes tempos sombrios. Já o texto “Exclusão sociodigital e desproteção de crianças, adolescentes e famílias em tempos de crise” as autoras Acileide Cristiane Fernandes Coelho e Maria Inês Gandolfo Conceição fazem uma análise psicossociológica das atuações da rede de proteção a crianças, adolescentes e suas famílias em contexto de desproteção social, vulnerabilidade relacional e exclusão sociodigital em tempos de Covid-19. Pedro Henrique Antunes da Costa e Kíssila Teixeira Mendes propõe no artigo “A miséria da Psicologia Brasileira: subordinação ao capital e colonização-dependência” uma crítica à Psicologia brasileira diante de sua consolidação e desenvolvimento, se ancorando em análises de Marx sobre o desenvolvimento do capitalismo, na tradição da Psicologia a partir de Martín-Baró sobre o caráter colonizado-dependente da Psicologia Latino-Americana.

O/as autores/as Daniel Renaud Camargo, Bárbara Pelacani, Renata da Silva Faria, Claudia Miranda e Samira

Takeiti, B., Costa, S. L., Pardo, C. R., Guerra, C. T. & Miranda, C; T. *Psicossociologia desde America Latina*

Lima da Costa propõe o artigo “Psicossociologia com comunidades: abordagens sentipensantes como emergência na América Latina” ensaiando perspectivas teóricas e conceituais a respeito dos percursos latino-americanos feitos por Maritza Montero, Maria Inácia D’Ávila Neto, Ignacio Martín-Baró, Paulo Freire e Orlando Fals Borda, vislumbrando uma psicossociologia “com comunidades” e não apenas “de comunidades”. Já o artigo “Debates transdisciplinares en la Psicología Social Latinoamericana: apuntes para saldar la oposición entre lo crítico y lo propio” de María Juliana Flórez questiona esta oposição, com base nos debates sobre o pós-desenvolvimento, os seres não humanos, as lutas comunais e anticoloniais contra o racismo. . No artigo “Impactos da (des)territorialização nos processos de subjetivação: experiências migratórias de refugiadas venezuelanas em Bogotá” das autoras Núbia Vale Rodrigues, Isabela Saraiva de Queiroz, Aida Milena Cabrera Lozano as análises centram-se nos impactos nos processos de subjetivação de mulheres venezuelanas que, em meio ao forte fluxo migratório recente, se veem diante de um processo de (des)territorialização.

No texto "Tropifagia: uma experiência de Psicossociologia do sul tropical", Aline Carvalho e Thiago Pondé propõem como metodologia psicossocial os intercâmbios culturais mediados pelo sensível processo de criação artística. No

texto "La psicología como dispositivo epistémico para la cultura de paz: notas sobre experiencias latinoamericanas – Brasil y Colombia" as autoras Catalina Revollo Pardo, Beatriz Akemi Takeiti, Claudia Tovar Guerra e Jean Vitor Alves Fontes nos introduzem à reflexão sobre a construção da paz em processos de base comunitária, como recurso de resistência e re-existência em territórios marcados pela violência e vulnerabilidade. Já as autoras Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro e Mariana de Castro Moreira sugerem em seu texto "Conhecer, intervir, partilhar: pistas para a pesquisa psicossocial na construção de outros mundos possíveis" dessubstancializar a noção de psicossocial e, a partir daí, avançar na proposição de uma pesquisa situada, aterrada, trazendo contribuições do campo CTS (ciência-tecnologia-sociedade) para o pensamento psicossocial latino-americano.

O presente Dossiê responde à necessidade e aos novos desafios que partem da afirmação de uma existência de conhecimentos que têm, em alguns casos, se (re)inventado e, em outros, se consolidando diante do contexto social, histórico e político na América Latina.

Objetiva-se, com isso, questionar, na psicossociologia, o cânone do saber euro centrado, produtor de rígidas fronteiras disciplinares definidas por um suposto “centro”, continuamente marginalizador do que vem a ser (pelo dito centro) considerado periférico.

As Editoras.

EDITORIAL

PSICOSOCIOLOGÍA EN LATINOAMÉRICA

En 2019, los grupos de investigación "Laboratorio de memoria y ocupaciones:

huellas sensibles" y "Diaspotics", ambos del Programa de Posgrado en

Psicossociología de Comunidades y Ecología Social (Instituto de Psicología - UFRJ, Brasil), junto con el Programa de Doctorado en Sociales y Ciencias Interdisciplinarias, Universidad Javeriana, Colombia) organizaron el Dossier “Psicología y epistemologías contrahegemónicas” en la Revista Fractal. Nuestro objetivo era recopilar producciones sobre las múltiples psicologías que se estaban construyendo en el campo de enfrentamiento de las hegemonías epistémicas, fomentando así una red de colaboración y visibilidad de estas muchas psicologías posicionadas geopolíticamente.

En ese momento, los aportes que recibimos fueron muchos e identificamos la necesidad de discutir con más detalle el campo, no solo de la psicología, sino de la psicossociología, este lugar intermedio, como campo de proposición, producción y sistematización del conocimiento, pero también como lugar de resistencia de epistemologías plurales.

En este dossier se destacan las múltiples marcas que los países latinoamericanos han producido mutuamente a lo largo de la historia, también en constante riesgo de extinción. Si bien se pueden narrar muchas escuelas y muchas trayectorias de la psicossociología, aquí nos interesa mirar con detenimiento y en detalle lo que se ha producido en las últimas décadas específicamente en América Latina, buscando en esta historia reciente las huellas de un futuro posible. En este sentido, este dossier se sitúa radicalmente en la búsqueda y producción narrativa de una (s) psicossociología (as) concretas, geopolíticamente ubicadas.

Con la experiencia mundial de la pandemia del COVID-19 y el aislamiento social, vivimos un momento que nos ha puesto ante innumerables preguntas, pero también, ante muchas posibilidades para el presente y el futuro.

Agravando el contexto impuesto por

la situación de pandemia, Brasil y otros países de América Latina están experimentando un difícil momento histórico y político para la ciencia, en el que existe el riesgo de contratiempos en los avances recientes, duramente ganados en el campo de la producción de conocimiento multi-epistémico. Este escenario de incertidumbres y cambios nos invita a pensar qué mundo queremos, cómo lo construiremos y qué conocimientos apoyan esta postura. Y en este mismo camino, también nos invita a pensar qué psicossociología podemos producir. En perspectiva, es necesario relocalizar las psicossociologías que se han construido y producido en territorios latinoamericanos, y conocer lo que se proponen.

La psicossociología aparece en Europa, por un lado, inspirada en estudios de psicología social con una perspectiva psicoanalítica y del desarrollo y, por otro lado, influenciada por estudios sociológicos de dinámica de grupo. Aunque en América Latina la psicossociología ha seguido inicialmente las huellas de ese origen europeo (y más tarde también estadounidense), hay que destacar la relevancia que tuvo la psicología social crítica, la cual florece con la crisis de la psicología social y la Reforma psiquiátrica en las décadas de 1960 y 1970, históricamente constituida en la región como Psicología Sociohistórica con Silvia Lane (PUC/SP) y como Psicología Comunitaria Latinoamericana, con Martín Baró y Maritza Montero. Este proceso se enriqueció con el diálogo producido con otros movimientos críticos de la época, como la Pedagogía Crítica de Paulo Freire y la Investigación Acción Participante de Orlando Fals Borda, haciendo de la psicossociología un campo interdisciplinario del conocimiento.

En las últimas décadas, la psicossociología se ha constituido y consolidado a partir de producciones

propias como un campo de conocimiento inter y transdisciplinario dentro del área de las Ciencias Sociales y Humanas, enfocado en la construcción de conocimiento y tecnologías que responden a los problemas contextualizados y situados en la experiencia de los países latinoamericanos, tanto en su diversidad cultural y geopolítica, como en sus confluencias como pueblos colonizados. En este sentido, asume también el estudio de las relaciones coloniales desde una perspectiva contrahegemónica.

El presente dossier responde la necesidad y los nuevos desafíos derivados de la afirmación de la existencia de conocimientos que, en algunos casos, se han (re) inventado y, en otros, se están consolidando ante el contexto social, histórico y político en América Latina.

De acuerdo a lo anterior, el objetivo de este Dossier es cuestionar, en la psicossociología, el canon del conocimiento eurocentrado, productor de límites disciplinarios rígidos definidos por un supuesto "centro", continuamente excluyente de lo que llega a ser (por dicho centro) considerado periférico. Interrogar a la psicossociología nos exige movimientos contra la hegemonía.

Por lo tanto, reunir propuestas ancladas en idiosincrasias de las experiencias de los estratos invisibilizados en nuestra región, puede favorecer la ubicación de nuevas pistas sobre cómo renovar nuestro compromiso con la diversidad latinoamericana. En este sentido, fueron bienvenidos en este dossier trabajos que reflexionan sobre psicossociología como ciencia y práctica de intervención, en sus múltiples posibilidades, basadas en la experiencia viva de lo que se ha producido hoy en América Latina.

El manuscrito de las autoras Ana Maria Jacó Vilela e Marcela Alves de Abreu intitulado "Dos primeiros passos da Psicossociologia no Brasil: o Setor de Psicologia Social da UFMG" presenta una

investigación histórica de la análisis documental y entrevistas sobre los procesos del grupo Sectorial de Psicología Social de la Universidade Federal de Minas Gerais en el período de 1964-1994, en el tiempos de represión política que no silenció el debate crítico y contribuyó a la institucionalización y fortalecimiento de la Psicología Social Crítica en Brasil. La contribución del artículo "Violência estrutural e marcas ditatoriais: análise psicossocial a partir de narrativas periféricas", presentado por Beatriz Oliveira Besen y Soraia Ansara analiza la permanencia de las marcas dictatoriales después de la transición democrática en Brasil a partir de narrativas de dos estudios psicossociales realizados en Heliópolis – periferia urbana de la ciudad de São Paulo, trabajando los conceptos de violencia, trauma psicossocial y memoria histórica de Ignacio Martín-Baró.

En "O resgate da memória histórica como estratégia de desconstrução do racismo", Danielle Cabral Araújo, Vanessa Alice de Moura y Bruna Suruagy do Amaral Dantas, problematizan la experiencia profesional desenvuelta a partir de prácticas grupales involucrando a los niños y privilegiando el rescate de la memoria histórica de la cultura negra. En "Dormindo com a inimiga: imaginário machista em tempos de Covid-19", las autoras, Debora Ortolan Fernandes de Oliveira, Tomiris Forner Barcelos, Cristiane Helena Dias Simões e Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, se anclan en los desafíos impuestos por Covid-19 y en la Psicología Psicoanalítica Concreta para comprender los imaginarios colectivos sexistas sobre las relaciones maritales heterosexuales de las mujeres. Rodrigo Maciel Ramos presenta una investigación etnográfica titulada "A ancestralidade: construção e aquisição de identidades africanas no Brasil realizadas a partir da cultura do Candomblé" que constituye un estudio de caso de dos aficionados al Candomblé y localiza insuficiencias en las

teorías de la identidad.

En el artículo “Pichon-Rivière: uma “psicossociologia latino-americana” para os tempos de hoje” la autoras Marta Maria Okamoto, Emília Estivalet Broide y Maria Cristina Gonçalves Vicentin revisitan la propuesta de las Teorías y Técnicas Operativas de este autor, reconociendo su emergencia en el contexto sociopolítico latinoamericano de violencia política y autoritarismo y su relevancia como praxis psicossociológica, con poder de intervenir en estos tiempos oscuros. En el texto “Exclusão sociodigital e desproteção de crianças, adolescentes e famílias em tempos de crise” las autoras Acicleide Cristiane Fernandes Coelho y Maria Inês Gandolfo Conceição hacen un análisis psicossociológico de las acciones en la red de protección a la niñez, adolescencia y sus familias en el contexto de desprotección social, vulnerabilidad relacional y exclusión sociodigital en Covid-19. Pedro Henrique Antunes da Costa y Kíssila Teixeira Mendes proponen en el artículo “A miséria da Psicologia Brasileira: subordinação ao capital e colonização-dependência” una crítica de la Psicología brasileña frente a su consolidación y desarrollo, anclada en el análisis de Marx sobre el desarrollo del capitalismo y en la tradición de la Psicología de Martín-Baró sobre el carácter colonizado-dependiente de la Psicología latinoamericana.

Los/las autores/as Daniel Renaud Camargo, Bárbara Pelacani, Renata da Silva Faria, Claudia Miranda y Samira Lima da Costa proponen el artículo “Psicossociologia com comunidades: abordagens sentipensantes como emergência na América Latina” ensayan en las perspectivas teóricas y conceptuales, sobre los caminos latinoamericanos de Maritza Montero, Maria Inácia D’Avila Neto, Ignacio Martín-Baró, Paulo Freire y Orlando Fals Borda vislumbrando una psicossociologia “con comunidades” y no solo “de

comunidades”. El manuscrito “Debates transdisciplinares en la Psicología Social Latinoamericana: apuntes para saldar la oposición entre lo crítico y lo propio” de María Juliana Flórez cuestiona dicha oposición, a partir de los debates sobre el posdesarrollo, los seres no humanos, lo comunal y las luchas anticoloniales contra el racismo. El artículo “Impactos da (des)territorialização nos processos de subjetivação: experiências migratórias de refugiadas venezuelanas em Bogotá” de las autoras Núbia Vale Rodrigues, Isabela Saraiva de Queiroz y Aida Milena Cabrera Lozano se enfoca en los impactos en los procesos de subjetivación de las mujeres venezolanas quienes, en medio del fuerte flujo migratorio reciente, se encuentran ante un proceso de (des) territorialización.

En el artículo "Tropifagia: uma experiência de Psicossociologia do sul tropical", Aline Carvalho y Thiago Pondé proponen como metodología psicossocial los intercambios culturales mediados por el sensible proceso de creación artística. En el artículo "La psicossociologia como dispositivo epistémico para la cultura de paz: notas sobre experiencias latinoamericanas – Brasil y Colombia" Catalina Revollo Pardo, Beatriz Akemi Takeiti, Claudia Tovar Guerra y Jean Vitor Alves Fontes nos presentan la reflexión sobre la construcción de la paz en procesos comunitarios, como recurso de resistencia y reexistencia en territorios marcados por la violencia y la vulnerabilidad. Las autoras Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro y Mariana de Castro Moreira sugieren en su artículo “Conhecer, intervir, partilhar: pistas para a pesquisa psicossocial na construção de outros mundos possíveis" desustanciar la noción de psicossocial y, a partir de ahí, avanzar en la propuesta de una investigación fundamentada y situada, que basa sus aportes del campo de la ciencia-tecnología-sociedad (CTC) al pensamiento psicossocial latinoamericano.

El presente dossier responde a la

Takeiti, B., Costa, S. L., Pardo, C. R., Guerra, C. T. & Miranda, C; T. Psicossociologia desde America Latina

necesidad y a los nuevos desafíos que parten de la afirmación de una existencia de conocimiento que, en algunos casos, ha sido (re)inventado y en otros, consolidado frente al contexto social, histórico y político de América Latina.

Con ello, el objetivo es cuestionar,

en la psicología, el canon del conocimiento eurocentrado, productor de rígidos límites disciplinarios definidos por un supuesto “centro”, marginando continuamente lo que viene a ser (por el llamado centro) considerado periférico.

Las Editoras.